ANO 9.º — Sexta-feira, 17 de Novembro de 1916 — (AVENÇA) — NUMERO 448

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—Aveiro

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

O PRIOR DE VAGOS

João de Almeida Ascenso

Quando José Estevam, em 1860, perdeu a sua eleição em Aveiro por 366 votos, foi João de Almeida Ascenso, sacerdote muito liberal e virtuoso, que o salvou da derrota no circulo, acudindo com os seus votos e cobrindo as falhas dos outros concelhos de que se compunha. Este favor relevante prestou-o o então prior de Vagos convencido de que fazia um grande serviço ao paiz e não se enganou.

A sua amizade ao notavel tribuno provinha da funda consideração que ele professava pelas virtudes do inclito aveirense. Ele, o estimado sacerdote cuja bondade era tão primorosa, que o seu nome ficou vinculado atravez os anos, tornando-se lendario. A generosidade, a galhardia, o seu perene bom humor, a largueza de animo, o espirito cristão que sempre orientou todos os actos da sua vida, vivem na tradição e na saudade. Ele foi o prototipo de prior, de cura de almas *e a quantas mizerias e afliçǫes não acudiu João Ascenso sem alarde, sem ostentação só porque cumpria um dever que o coração lhe aconselhava!*

Nascido em Mira a 6 de setembro de 1803, faleceu em Vagos a 16 de julho de 1891.

A sua memoria perdura e os seus beneficios que os enumerem tantas familias que ele protegeu com a mais acrisolada afeição e desinteresse.

Publicando-lhe no Democrata *o retrato, rendemos homenagem áquele que nas lutas do seculo findo soube dar guarida a refugiados politicos de todas as parcialidades e espalhar o bem pela extensa freguezia que sempre pastoreou evangelicamente.*

Films . . .

A tempo

Ocupando-se das eleições administrativas, que, *por causa dos submarinos aparecidos na costa do Algarve*, ficaram adiadas *sine die*, o *Mundo*, pela pena do seu correspondente no Porto, saiu-se com esta:

«O decreto suspendendo as eleições camararias rebentou para aqui como uma autentica *bomba!* Os inimigos do regimen e os inimigos da situação criminosamente conluiados contra a Republica, não contavam com este golpe a tres ou quatro dias do acto eleitoral. E era vê-los contentes, celebrando com gaudio a certeza, diziam eles, de várias camaras monarquicas por esse país fóra! Mas como é que isso se conseguiria? Custoso é dizê-lo, mas é verdade: com o apoio de unionistas e evolucionistas.»

Vai se não quando, a *Republica*, orgão oficioso do partido evolucionista, que ás vezes não tem papas na lingua, replíca:

«Se assim é, porque motivo é que então se combinaram no concelho de Louzada os democráticos e os monarquicos protegidos pelo governador civil do Porto, contra a lista evolucionista? Sendo de notar que, nessa lista monarquico-jacobina, entram de braço dado o sr. Porfirio de Magalhães, ex-administrador democrático do concelho e um dos primeiros deputados ao Congresso pelo circulo, e um indsviduo de apelido Sá e Melo, que é precisamente o mesmo apelido dum conspirador profissional assim considerado pela policia do Porto e que esta tem tido artes de ensarilhar em todas as conspirações por ela... descobertas, convertendo-o assim em preso... periodico...

Sería melhor que, em assuntos eleitoraes pelo menos, o *Mundo* recomendasse mais côbro na lingua aos seus correspondentes, lembrando-lhes o conhecido ditado que diz —*pela bôca perde o peixe*...»

Melhor, mas muito melhor, E sob o ponto de vista das conveniencias, isso então nem se fala...

Não façam cerimonia

Dizem-nos que vae aí um sarilho dos diabos com o avultado numero de pretendentes ao lugar de professor do 6.º ano para o liceu da cidade.

Aparecem alguns que pouco mais possuem além do examesinho das primeiras letras feito nos tempos aureos do saudoso padre Jorge. Peló que se vê a questão não é de habilitações, mas sim de padrinhagem. Mais uma razão para poupar trabalho, encomodos, despeza e tempo, nomeando o sr. Comissario de policia, administrador do concelho, amanuense do Govêrno Civil, secretário da estatistica, candidato ao lugar de chefe de secretaría da Junta Geral do districto, diplomado com os exames de geografia, historia e francez pelo seminario de Coimbra, para mais essé lugar.

Quem desempenha quatro desempenha cinco.

Flutuação a mais ou *flutuação* a menos e siga a... reinação.

Da mesma escola

O *orgão do Partido Republicano Português em Aveiro*, só toca aos foles conforme lhe convém, sem querer saber do proprio partido de que se diz adepto e defensor.

Toda a questão se resume em aguentar a igrejinha donde veem comendo os *irmãos*...

Ouvidos de mercador ao que não convém ou ao que não sabem justificar e defender.

E' verdade que eles bem o confessam, na sua pacovia ingenuidade, que não escrevem para nós, fazendo-o sómente para quem os entende...

Entendem-nos todos, todos e vamos tambem na conta, pódem crêr.

Percebemo-los só pelo bulir dos beiços...

Então não é tudo da escola da Vera-Cruz?...

Excérto

Duma carta vinda de Africa pelos ultimos correios, destacâmos estes periodos escritos por um rapaz que viveu nesta cidade e atualmente se acha no Lubango ao serviço do exercito:

. . . .

Outro assunto: como vão por aí os nossos amigos? Já muitos teem seguido para a mobilisação? Como é honroso para o nosso querido e velho Portugal poder ainda mostrar ás nações poderosas como se respeitam as cinzas e tradições dos nossos antepassados!

Que marchem de fronte erguida os nossos irmãos para a defêsa duma causa justa, como é a dos aliados!

Se é verdade o que aqui consta do regimento de infantaria 21 se haver revoltado por não querer seguir, é a maior das vergonhas da nossa raça. O português que sempre soube lutar e morrer nunca se deve negar a defender a honra da Patria.

. . . .

Apezar do que por aí vai, observa-se, todavia, que a propaganda deletéria dos inimigos da Republica ainda está longe de penetrar em todos os peitos que sentem e se esforçam por ser uteis á terra que lhes foi berço.

Valha-nos ao menos esses bons exemplos.

JUNTA GERAL

Por falta de numero legal de procuradores, ficou adiada para o dia 25 a sessão marcada para quarta-feira ultima, em que deviam ser tratados assuntos de certa importancia.

TRANSCRIÇÃO

O *Correio da Feira* do ultimo sábado transcreve, na integra, o artigo que sobre o vetusto castélo da importante vila publicou no *Democrata* o seu habitual colaborador Humberto Beça.

Agradecemos.

O decreto do pão

Sobre este momentoso assunto, escreve com todo o critério o importante diário portuense *O Primeiro de Janeiro*:

O decreto em que o governo, com o pretexto de resolver a crise do pão, lhe aumenta consideravelmente o custo, está já por demais analisado, e não ha necessidade alguma de insistir nos argumentos invocados para o combater. Não ha como a aplicação prática de tais diplomas para os reduzir ás suas justas proporções. O povo fica sabendo que paga o pão mais caro porque o governo, com a mais absoluta falta de previsão económica, tendo perdido o ensejo de comprar trigo exotico nas melhores condições de preço, adiou esse acto, fazendo perder ao tesouro publico alguns milhares de contos, de que agora pretende resarcir-se, preparando uma situação de privilegio para certos moageiros de Lisboa, que ficarão exclusivamente em campo, fazendo o seu negocio e gosando na verdade dum monopolio, que é profundamente odioso, porque é feito á custa da mizeria publica.

A situação do sr. ministro do trabalho depois das mais gráves acusações que, a despeito da *censura* tem vindo á imprensa, é realmente insustentavel; e, seja qual fôr a solidariedade que lhe prestem os seus colégas no governo, ele já se não liberta das suspeições que sobre ele pesam e lhe impõem o dever moral e politico de abandonar o poder, onde a sua permanencia só tem servido para prejudicar o país.

Enganam lamentavelmente o povo aqueles que, para cobrir o ministro, pretendem sofisticamente esconder os intuitos que este deploravel diploma revela. Digam o que disserem, escrevam o que escreverem, os efeitos do decreto estão á vista e o povo é quem os sofre, pagando o pão mais caro.

O momento é dos menos azados para se pedirem ao povo mais sacrificios; e não se iluda o governo, se porventura se persuade de que o aumento do custo do pão passa sem um profundo e indignado protesto do espirito colectivo.

E' preciso que se saiba que o pão de trigo não é sómente alimento de ricos e de remediados; ele entra em grande parte na alimentação das camadas mais humildes, e todos serão sacrificados á estulta imprevidencia do poder executivo, que não soube estudar a tempo o problema, que levianamente o adiou e agora pretende resolver com o sacrificio de nós todos.

Estas aprendizagens governativas, em ramos de administração publica complexa, em que se exigem conhecimentos económicos minuciosos, estão já carissimas ao país. Esta deploravel improvisação de estadistas ha de ainda trazer-nos inconvenientes gràves e sacrificios sem conta. Persistam nelas e esperem-lhe pelos resultados.

Os seis mil contos que o snr. ministro do trabalho pretende arrancar ao consumidor, tributando cada quilo de farinha com 3 centávos (30 reis), por meio do decreto da moagem, teriam sido poupados, se sua ex.ª se determinasse com mais cuidado e procedesse com maior previdencia num caso tão sério. Não o fez, e os resultados estão patentes. O pão subiu espantosamente de preço, o que, num periodo de vida carissima, é a todos os respeitos muito gráve.

Sem duvida. Temos, porêm, uma esperança: é que o famoso ministro do trabalho hade saír do governo, como saiu de Redondo quando ali foi administrador do concelho, no tempo da monarquia—protegido pela força publica que o pôz a salvo das justificadas iras populares.

Mas o sr. Afonso Costa acha que tudo isto vae bem e o *Mundo* aplaude.

E' quanto basta...

Em Africa

OPERAÇÕES MILITARES

Com data de 13, o general Gil, comandante em chefe das tropas em operações na Africa Oriental, comunicou para a metropole o seguinte:

Depois de concentrados abastecimentos em N'wala e reorganizadas as unidades, a columna de Massassi iniciou o avanço na madrugada de 8, sob o comando do major de artilharia Leopoldo Silva. Travou combate proximo da povoação de Kiwanda, que o inimigo defendia tenazmente para manter a posse da agua, sendo porêm repelido para além de Nangomo, a 25 quilometros de N'wala. As nossas perdas foram: mortos, duas praças de cavalaria, cuja identidade ainda é desconhecida; feridos gravemente, major Leopoldo Silva e alferes de artilharia Monteiro Leite. No dia 8, o inimigo disperso em grande extensão e emboscado no mato de Nsissimo espingardeou entre N'wala e Mahuta um *camion* que transportava doentes, sendo mortos o 2.º sargento Afonso Cardoso do 3.º batalhão de infantaria 24 e duas praças indigenas, e feridos ligeiramente o capitão de cavalaria do estado-maior Mesquita e o soldado Antonio José da Silva Junior, n.º 563 de infantaria 24. Na mesma data o inimigo atacou o nosso posto de Mahuta, sendo repelido com 17 mortos, dos quaes dois europeus, e deixando prisioneiro *askaris*. As nossas perdas foram dois soldados indigenas mortos e ligeiramente feridos o alferes Tiago, da 17.ª companhia indigena, e o 1.º cabo n.º 400, Julio Pereira, da 10.ª companhia de infantaria 24. As comunicações estão asseguradas e o estado dos feridos é satisfatorio, excepto o do major Leopoldo Silva.

O sargento Cardoso a que este telegrama alude deve infelizmente ser Afonso Henriques de Araujo Oliveira Cardoso, de 22 anos, natural de Ovar, filho do falecido dr. Antero Garcia de Oliveira Cardoso, um dos caracteres mais lidimos que temos encontrado e irmão do delegado do Procurador da Republica na comarca de Baião, dr. Antero de Araujo Oliveira Cardoso.

O malogrado moço, que morreu no seu posto de honra, querido pelas suas qualidades, era ainda sobrinho do sr. dr. Antonio dos Santos Sobreira, advogado e notario tambem em Ovar, onde a noticia do fatal acontecimento causou a mais viva emoção.

Assuntos camararios

Da situação geral creada pelo decreto adiando as eleições administrativas, aqui dissémos já da nossa justiça, especialisando aquela que resultou para esta cidade, visto que de fonte autorisadissima soubemos as razões com as quaes o sr. dr. Lourenço Peixinho, justificando a quebra do seu compromisso, declara tambem recusar a incumbencia futura da sua entrada para a câmara.

Os encargos provenientes do emprestimo contraido; o dispendio com a elevação a central do liceu e vários outros motivos, são, no dizer daquele cavalheiro, causa bastante para que anteveja a impossibilidade de qualquer obra produtiva resultante da sua gerencia.

Evidentemente esta fórma de vêr não implica a mais leve sombra de censura á actual vereação, nem nós as reproduzimos com esse intuito. Declarâmo-lo em abono da verdade, mesmo porque não está no nosso feitio endereçar encapotadas censuras a quem quer que seja. Todos nós sabemos os limitadissimos rendimentos de que a vereação dispõe e por esse motivo o recurso do emprestimo de que lançou mão.

A este proposito e ainda ácerca do que aqui referimos, um dos mais conceituados membros da comissão executiva emitindo sobre a situação o seu parecer, diz-nos que não são justas as considerações em que o sr. dr. Lourenço Peixinho fundamenta a sua recusa para a inserção do seu nome na futura lista camararia.

A câmara, fala o vereador citado, iniciou a sua administração com o pezado encargo de acabar a rua do quartel á estação, que não ficou pouco dispendiosa, agravando desde logo as suas finanças. Havendo necessidade inadiavel de alargar o cemiterio, acudir a algumas estradas que precisam imediatos reparos bastante dispendiosos, saldar importantes dividas que de longe veem representando um descredito vergonhoso; concluir obras iniciadas que implicam melhoramentos absolutamente indispensaveis, impunha-se um emprestimo, como unico recurso, de que ha muito se tratava, mas que só agora conseguiu. Para a sua amortissação e pagamento de juros está habilitada, visto que tal emprestimo tem de ser pago em 25 anos e as amortisações são relativamente pequenas. Sobre o encargo que possa advir do liceu, tem para ele as importancias provenientes do aumento dos impostos municipaes, especialmente o do sal e barro. Demais, se a câmara reconhecer que os beneficios não correspondem aos sacrificios, a todo o tempo é ocasião de remediar o mal.

O sr. dr. Lourenço Peixinho ou qualquer outra individualidade que assuma a presidencia futura do municipio, irá encontra-lo absolutamente livre de dividas, que eram o entrave permanente para a mais simples tentativa de obras e ainda sem a necessidade de acudir a outras imediatas e indispensaveis.

Assim, a sua entrada far-se-á em muito melhores condições, não só em confronto com aquelas em que entrou a atual vereação, como perfeitamente livre para a execução de todo o programa, grande ou pequeno, que haja a executar.

A situação financeira, resultante do emprestimo é, sem duvida, muito mais desafogada do que aquela procedente das emaranhadas dificuldades que sucediam anteriormente, com a lista numerosa de credores e trabalhos a acabar e a atender. Demais, diz ainda o mesmo vereador, ao dr. Peixinho não lhe faltam recursos de qualquer especie, para que nestas circunstancias possa afoitamente aceitar a honrosa incumbencia que todos os seus conterraneos desejam e esperam.

Pela nossa parte estâmos tambem certos disso, acrescendo ainda esta circunstancia—nas horas dificeis é que se avaliam os homens.

Emfim: daqui até ás eleições ainda o mundo dá muita volta...

MUSEU DE AVEIRO

Escrevem-nos:

... Sr. Redactor

Uma candida pergunta apenas:

Em que pára aquela falada sindicancia, requerida pelo sr. Director do Museu Regional de Aveiro, ácerca duns objectos de valor desviados, segundo se diz, para destinos que, segundo tambem se diz, se conhecem perfeitamente?

Tanto palavreado para ilibar responsabilidades e, a respeito de obras práticas—nada!

Insista, sr. Redactor; martele no assunto, até que alguma luz se faça nessa *escuridão*...

Aliaz, todo o papel perdido, tempo desbaratado e tinta gasta, sem resultado.

E é triste, pois não é?...

Ora diga, diga alguma coisinha; espiolhe bem, fareje com acerto, para vêr se, ao menos, essa formidavel comissão, que superintende na administração do Museu, por sua vez, tambem acorda e varre daquele enorme cazarão do convento de Jesus as teias de aranha que o deslustram.

Muito grato se confessará o

De V. etc.,

S. N.

Devemos ilucidar *S. N.* que já dissémos tudo em tempo competente. Tudo, sim, porque para bom entendedor meia palavra basta... Ninguem nos quiz ouvir? Chegou até aì a falta de vergonha duns e o impudor doutros? Paciencia. Nós é que não estâmos para malhar com os ossos na cadeia e os gatunos ficarem a rir-se por cima. Isto é deles. E porque assim se vem evidenciando a sociedade, aconselhâmos *S. N.* a que não se rale. A's vezes póde-lhe acontecer o mesmo que ha bem pouco ainda aconteceu a um ingenuo, que, supondo este regimen de moralidade e de justiça, teve de pagar caro o atrevimento de se insurgir contra as *escroqueries* de certo figurão que por aì se pavoneia com póse de doutor, muito senhor do seu nariz, e com tanta ou tão pouca consideração que até uma gazeta ultra-jacobina o reconhece como *homem politico, politico republicano e republicano democratico!*

Isto é deles, repetimos. Não ha, pois, volta a dar-lhe, a não ser no dia, que não deve estar longe, do verdadeiro ajuste de contas.

Gràve

Nas duas ultimas imorredoiras sessões parlamentares um deputado dissidente evolucionista fez afirmações tão gràves, citando nomes, apontando numeros, referindo individualidades, ácêrca do desfalque que o tesouro sofreu, como resultado das condições em que fôra feito á casa Torlades o aluguer dos vapores alemães apreendidos, que o país ficou atonito.

Quando todos, que não querem a Republica para negocios, esperavam uma explicação, uma resposta qualquer, sendo certo que os alejados pelas palavras do orador estavam presentes, não se pronunciou uma palavra sequer justificativa das razões em que se assentaram as bases do contrato aludido!

Talvez supozessem que assim as palavras fulminantes do deputado ecoariam apenas nas abobadas do parlamento e por lá morreriam sem outro resultado.

Puro engano. Elas tivéram em toda a parte altissima ressonancia, reproduzindo-se no coração patriotico dos portuguêses como badaladas lugubres, acordando no espirito publico a dôr e o triste convencimento de que se caminha para o abismo, levados pela mão daqueles que nunca supuzémos capazes de tamanha traição e de tão grande infamia.

Mais uma acha para a grande fogueira da qual se afastam já centenas de homens de bem, de verdadeiros republicanos, que se não associam a essa vergonha politica e administrativa que aí se desenrola, com a audacia dos que, sem escrupulos de qualquer especie, assaltaram o regimen, com a transigencia daqueles a quem mais cabia o dever de os enxutar!

Mais uma acha para a grande fogueira...

Pela imprensa

“A Gazeta de Oeiras„

Com o n.º 52 entrou no segundo ano de publicação este bem redigido colega republicano, ao qual muito prazer temos em endereçar as nossas felicitações pela nobre atitude que tem seguido defendendo a Democracia.

“Justiça de Fafe„

Fundado para apoiar o Partido Republicano Português, este semanario conta hoje quatro anos de existencia, que tem consumido na ardua tarefa que se impoz, sem hesitações nem desfalecimentos.

Cumprimentâmo-lo egualmente.

PESCA

Trazida por algumas *traineiras*, que conseguiram demandar a barra, tem aparecido ultimamente no mercado grande abundancia de sardinha graúda, cujo preço oscila entre tres e quatro ao vintem.

As *chávegas* pouco teem pescado depois que fecharam as matriculas das companhas.

O S. Martinho

Pelas notas da policia insertas no *orgão do Partido Republicano Português em Aveiro*, á falta de melhor colaboração, facilmente se depreende que decorreram em bôa ordem os festejos que é costume realisarem-se nos dias 11 e 12 do corrente em honra do Deus Bacho. Os dias estiveram lindissimos, constando-nos que fôra este ano conferido ao imortal *jornalista* que em Aveiro *levanta o nivel*, o diploma de perpetuo borrachão a que tinha direito.

O Castélo da Feira

Carta de Humberto Beça

Meu caro Arnaldo

Depois do oficio que em 29 do mez passado remeti ao Presidente da Comissão de Conservação do Castélo da Feira, não julguei que as minhas considerações sobre o estado de conservação do Castélo merecessem a honra da resposta do sr. dr. Aguiar Cardoso.

Em atenciosissimo oficio, porêm, de resposta ao meu, do mesmo ex.mo snr., preveniu-me lealmente o seu sinatario de que sería no *Democrata* que responderia ás minhas impressões de *touriste* na parte que se referiam á conservação do Castélo.

Li, pois, o longo artigo, em fórma um tanto humoristica do snr. Aguiar Cardoso e... não me desconcertou, devo dize-lo. Tanto mais que o seu autor é delicadissimo na fórma porque procura combater-me, devo acentuá-lo tambem.

Começando... pelo principio, diz o meu contendor que não deixará de pé uma única das minhas arguições e afinal as minhas arguições—a que não quero dar tal caracter, mas o de simples apreciações—estão de pé: o sr. dr. Aguiar apenas procurou justificar a razão das obras com que discordei, que classificou de provisorias.

Mas isso não póde advinha-lo o *touriste*, que ali não encontra qualquer indicação que o ilucide, que não póde evidentemente andar á procura dos membros da comissão para lhe servirem de cicerone e que nem no pobre guarda acha uma palavra de esclarecimento a tal respeito.

Em tais condições o visitante sofre as impressões do que vê, quer reconstituir o que tenha sido a velha fortaleza e o seu espirito recusa-se, apresentando-lhe um como que xadrez de muros brancos e negros que o impressionam desagradavelmente, mostrando-lho como uma especie de... embrulho atado com o respectivo atilho de barbante!

Esse desagradavel aspecto, esse flagrante contraste dos muros de quinta com as muralhas negras da antiga construção, existe ou não existe?

Existe.

Logo o meu ilustre polemista não conseguiu deitar abaixo o meu ponto de vista.

Procurou o sr. dr. Aguiar justificar a razão de tais obras?

Certamente.

A obra era inadiavel, o magnifico monumento perigava, os recursos para obra definitiva falhavam! Era necessario tomar uma resolução. A comissão tomou-a dentro dos limites dos seus recursos e salvou o Castélo.

Bem haja a comissão que deitou .. o remendo, salvando o Castélo.

Mas tem a comissão empregado todos os seus esforços para obter os recursos que lhe permitissem evitar... o remendo, fazendo **obra definitiva?**

Tal circunstancia é que é inteiramente desconhecida dos que visitam o Castélo.

E como eu, vinte e tantas pessoas que nesse dia visitaram o monumento da Feira, tiveram a mesma impressão.

As mesmas obras bôas vi-as tambem.

As obras novas conhecem-se.

Foram feitas ainda á custa de materiais antigos, estão perfeitas e são dignas do maior louvor. A época da reconstrucção não lha precisei; não fui lá precisamente para isso...

Mas se soubesse que o sr. secretário da comissão se lisongearia com os meus elogios, não lhos teria regateado.

Pena é que no resto não tenha sucedido o mesmo.

Não visitei o Castélo em 1909 apezar de tencionar faze-lo ha mais de 10 anos, mas se não me foi precisa a picareta, nem tive que experimentar a exatidão da lei de Newton, tive que me servir á valentona de uma podôa que sempre me acompanha nas minhas excursões pelo campo, para abrir caminho até á muralha sul atravez do matagal que a véda. E mesmo assim, não impediu ainda a afiada podôa que eu e dois dos meus companheiros que se aventuraram á dificultosa travessia atravez daquele mato grosso—sem calembourg—os srs. José Beça Portugal e Antonio Fontes, ficassemos com as pernas, mãos e braços num quasi misero estado...

E o muro dos vidros de garrafa?!

Perdôe-me o sr. Aguiar Cardoso, mas s. ex.ª confessa aqui um poucochinho de... falta de lembrança.

Parece que não seria dificil pedir ao sr. Alexandre Brandão que retirasse ao menos do seu muro de quinta esse apendice arripiante dos vidros de garrafa a estabelecerem *ligação*, entre dois muros ameiados, a servirem—mesmo provisoriamente—de prolongamento ás ameias e merlões dos velhos muros da praça. Porque, quer o snr. dr. Cardoso diga que aquilo é provisorio, quer diga que é uma obra alheia, o desastrado contraste lá está a confranger a alma, a arranhar o sentimento artistico e de respeito, direi mesmo, dos que visitam o Castélo com a veneração e íntimo recolhimento de admiração com que eu o visitei.

Ao menos os vidros...

E, tambem, das fotografias, direi: engana-se inteiramente o sr. dr. Cardoso se entende que o grande publico só aprecia os documentos de efeito espectaculoso; que eu não conheço o que é o *grande publico* do Castélo, isto é, o grande publico que visita e aprecia monumentos desta natureza.

Esse *grande publico* é muito restrito.

Para o que o ilustre secretário da comissão do Castélo, chama—o publico—os postais horrorosamente pintalgados que a douta Alemanha lhe remeteu, serão muito apreciaveis, mas esse publico frequenta pouco o Castélo e compra menos os seus postais.

O outro publico, o dos monumentos, o ilustrado, esse compra os postais existentes como recordação apenas e sem que lhe ligue outro merecimento, porque não o teem.

E quando falei do assunto não falei da execução técnica.

Esta será explendida. Deve se-lo. Tambem conheço o snr. Joaquim de Freitas. Foi meu aluno e tambem é meu amigo. Mas a passagem á gravura e sobretudo a pintura, inutilisaram o trabalho artistico do seu autor.

Nego ainda que o comum do publico se interesse apenas pelos aspectos gerais.

O comum do publico a que eu me refiro, ama os detalhes mais do que os documentos de conjunto.

São aqueles que lhe mostram todo o valor da obra, é por eles que a estuda, que a conhece, que se prende a ela.

E' pelos documentos de detalhe que se prevê uma época, que se calcula uma data, que se conhece um estilo.

O documento de conjunto não tem o merecimento educativo que o de detalhe: impressiona os sentidos, traduz mais claramente uma manifestação do bélo, uma formula de estectica; mas pouco mais, para não dizer nada mais.

O de detalhe é indispensavel, é o preferido pelo publico a que eu me refiro, pelo publico que vae ao Castélo da Feira, pelo publico estudioso.

Visitei duas vezes o Castélo com intervalo de 15 dias.

Eram dois domingos.

No primeiro, duas familias, uma por cada vez, visitaram o Castélo... viram tudo... admiraram tudò... em menos de uma hora!

Eram do publico do Ex.mo secretário da Comissão.

Mesmo assim não compraram postais, tive o cuidado de pergunta-lo ao guarda.

No segundo, uma outra de identico aspecto, entrou, chegou á esplanada, circunvagou em torno olhares aborrecidos, bocejou com decepção, meteu a mêdo a cabeça na porta da torre, voltou costas e foi-se embora.

Devia ser do mesmo publico, mas tambem não comprou postais...

O grande publico que ha-de frequentar o Castélo, tem de ser outro, tem de ser daquele que eu lá levei em numero de cêrca de vinte pessôas e para chamar lá esse publico é preciso mostrar-lhe nos seus detalhes o que é essa *maravilha arquitectonica*, servindo-me da fráse do sr. Ventura Terra.

Se o Castélo é só o que se vê em todas as ilustrações, então está suficientemente conhecido; não é preciso lá ir.

As gravuras da torre mostram bem o que ela é ao grande publico do sr. dr. Cardoso, que fica julgando que o Castélo é só aquilo.

Podia citar uma duzia de ilustrações onde tenho encontrado gravuras do Castélo e são sempre a mesma, sempre o mesmo aspecto monotono da torre com pequena variação de angulo mais da direita ou mais da esquerda.

Para o publico considerado pelo ilustre clinico da Feira estas gravuras satisfazem tanto como uma visita ao monumento...

Para o publico a que eu me refiro as fotografias que tirei são de tal merecimento que me tem sido pedidas por todos que as têem visto e que me tem perguntado se *aquilo tudo é do Castélo da Feira*...

E' tudo dele, pois que do Castélo da Feira ninguem conhece mais do que a torre de menagem e é por isso que o *meu publico* ainda vai lá pouco.

De resto não julgue Sua Ex.ª que a colecção que viu ao meu amigo dr. Antonio de Andrade é só a que tirei no Castélo; não, senhor; são mais de vinte fotografias e desenhos entre aspectos gerais e de detalhe ou parciaes.

Só conheço o Castélo de ha dois mêses a esta parte, mas, do quanto me impressionou esse esplendido monumento e do quanto me interesso por ele, é possivel que em bréve possa dar um testemunho á comissão da Feira por intermedio do seu jornal tão conhecido no districto.

E agora permita-me o sinatario da carta a que respondo que levante a frase tão insistentemente repetida da *leviandade* com que o *critico* tratou a questão.

Não me arvorei em critico; discordei de uma orientação que tiraria o verdadeiro aspecto e merecimento a um monumento que o tem e elevadissimo.

Mas, lidas as nossas correspondencias, o publico do sr. secretário e o meu que digam de que lado está a leviandade.

Reléve-me, Arnaldo Ribeiro, o logar que lhe tomo e creia-me

Seu amg.º etc.

Porto, 12—11—916.

Humberto Beça

Notas mundanas

Com sua estremosa filha regressou no fim da semana ultima da Costa Nova do Prado, a sr.ª D. Joana Gomes de Faria.

✤ *Partiu para Cantanhede, onde fixa residencia, o sr. Antonio Maria Duarte, 1.º aspirante telegrafo-postal aposentado.*

✤ *Guarda o leito, doente, uma filha do sr. Eduardo Miranda, a quem ardentemente desejâmos pronto restabelecimento.*

✤ *Entraram em franca convalescença as esposas dos srs. Claudio Portugal, de Mamodeiro e João de Almeida Vidal, da Oliveirinha.*

✤ *Com curta demora esteve em Aveiro o sr. dr. Simão José, delegado do Procurador da Republica em Moimenta da Beira e senador.*

✤ *De passagem para Lisboa tambem aqui esteve o nosso velho amigo capitão Costa Cabral, para quem a Republica tão ingrata tem sido, guiada pela mão dos seus atuaes dirigentes.*

✤ *Para assistirem á reunião da Junta Geral, de que são dignos procuradores, vieram na quarta-feira a esta cidade os srs. dr. Antonio da Silva Canelhas, dr. Sá Couto e Cunha Leitão, de Oliveira de Azemeis; Abade Costa, da Vila da Feira; dr. Samuel Maia, de Ilhavo; Antonio Carlos Vidal, de Vagos e dr. Joaquim Ferreira Baptista e Antonio Maria de Matos, de Estarreja.*

O busto

Consagração e apoteose

Ultrapassou quanto poderiamos imaginar em grandeza e imponencia, a inauguração do busto que nos foi oferecido do *jornalista que levanta o nivel*, realisada no dia de S. Martinho.

Muito antes da hora marcada para o inicio da festa, erá já avultado o numero de trens e automoveis que se cruzavam em frente á redacção do *Democrata*, numa businada ensurdecedora e numa extraordinaria confusão.

Entre as 10 e as 11 a vasta sala estava repleta, apresentando um soberbo espectaculo, que a *toilette* de grande numero de damas mais realçava. Um montão de cartas e telegramas aglomeram-se sobre a meza. De subito irrompe uma estrondosa salva de palmas denunciadora da entrada do *ilustre jornalista*, que a comissão acompanha.

Dá-se principio á função. O *camarada Bichêsa* assume a presidencia e uma vez no uso da palavra começa por dizer que, como orador, lhe faltam as aptidões, pois só com a penna na mão, graças a Deus, dá alguma coisa... Está no coração de todos o motivo que ali os reune e por isso vai descerrar o busto do *eminente colêga*, do *grande homem* que, se não existisse, seria preciso inventa-lo; daquele que conseguiu *levantar o nivel*, nobilitando-se em mil pugnas e em mil outras fórmas com que tem sabido manter o *alto prestigio* do seu nome e da sua pessoa.

Com passos lentos *Bichêsa* aproxima-se do busto, que descerra, afastando a bandeira azul e branca que o cobre. Nova salva de palmas estridente e *farnética* ecôa na sala. Erguem-se vários vivas e a orquestra toca o hino da... carta.

Pede a seguir a palavra o sr. Garcez, dos pirolitos. Fala com veemencia e elevação, congratulando-se com a homenagem prestada ao apostolo que ha tanto é o propagandista consciencioso das tradições pan-germanistas contra o *mildiw*.

Segue-se o colêga do homenageado—*Badaméco*—a mais brilhante penna, sem ofensa para os companheiros, do *orgão do Partido Republicano Português em Aveiro*. Lamentâmos que o espaço não permita reproduzir o monumental discurso do abalisado jornalista. Palavra *flutuante* e fluente, o que é rarissimo encontrar nos oradores modernos—o *Badaméco* falou cêrca de uma hora, exaltando as qualidades do *bustado* (pessoa que o busto reproduz), fazendo toda a historia literaria, politica, jornalistica e vinhateira do imortal *Bébes*. Terminou por pedir que fosse expedido um telegrama agradecendo as felicitações enviadas pelo *dr. Pilécas* e dando-lhe conta da importancia da consagração, afim de a transmitir a Melquiades Alvarez e outros hermafroditas... E exclamou: *Hip! Hip! Hip! Hurrah!* —o que produz certo murmurio e espanto, mas facilmente se explica o caso, atribuindo-o a uma falsa confusão do orador, que a seguir é entusiasticamente aplaudido e *facilitado*.

Fala depois o sr. Mireles, representante da importante companhia *The Manufacturing Old wine, grogs e outras matadelas de bicho and Company*, que declara trazer a sua adesão á festa que *levanta o nivel*, ao grande protector da agricultura sumenta nacional. Congratula-se por vêr na sala representantes da Real Companhia Vinicola do Norte, Companhia dos Vinhos do Alto Douro, da acreditadissima casa Ferreirinha, casa Almeida Santiago & C.ª, Cova da Onça, Retiro dos pacatos, *Ao Restaurant Camelia, Alto aqui bons vinhos e petiscos* e outros centros de envenenamento nacional, não referindo os proprietarios das 82 capelas vinhateiras que servem, com uma dedicação extraordinaria, todos os fieis com residencia fixa nesta cidade e outros *flutuantes* que, em elevado numero, por aqui aparecem.

Levanta-se depois o abalisado clinico, dr. Canivete.

Não é só—exclama o especolondrifico orador—nas horas amargas da adversidade que nos lembramos do apoio dos amigos, mas nas horas de regosijo e prazer que deles nos devemos tambem lembrar. Não é só nas horas serenas e modestas, mas nas de *vendaval* que devemos invocar os deuses nossos protectores.

Faz a seguir uma *grandecissima* divagação sobre principios religiosos que são sempre um seguro linitivo para as fraquezas da carne. Disso era um exemplo vivo o seu *ilustre* amigo, o homenageado, para quem apontam uma posição muito direita, muito hirta...

Palmas, vivas e a orquestra executa o *intermezzo* do—*Ora toma mariquinhas*.

Cabe a vez agora ao *Mijarêta*, que subindo para cima duma cadeira e numa voz de autentico *zabône grosso*, diz: O maior triunfo que consegui na minha tarefa politica, antes de me pregarem com os ossos na cadeia, devo-a a esse homem, devo-a ao seu prodigioso talento e ao seu verbo inspirado, devo-a ao seu inegualavel discurso pronunciado no comicio da Fogueira!

O Baptista, da administração, em áparte:

— Foram os momentos mais felizes da minha vida.

O orador explana o valor da influencia do *jornalista* junto dos partidarios da monarquia, terminando a sua extraordinaria oração com estas palavras: esse homem é a esperança viva na realidade das nossas aspirações. Nas poucas palavras que ali estão no pedestal onde pousa o busto — *ao imortal jornalista que levanta o nivel, a cidade aguardecida* — diz-se tudo; implicam uma grande verdade e um grande acto de justiça.

Viva a monarquia!

Viva a santa religião!

A assembleia levanta-se numa grande confusão, procurando abraçar o festejado, que, cercado pela comissão, se prepara para assistir ao *Te-Deum* que se realisa na egreja do mosteiro de Santo Antonio do Mudo, unica que pela sua ex-

traordinaria grandeza estava naturalmente indicada para o comovente acto religioso.

A orquestra, em execução cheia e vibrante, faz ouvir a dôce e maviosa composição popular:

Ora vae tu, ora vae tu,
ora vae vae,
Eu bem quero, mas não posso,
ai, ai...

Daremos no proximo numero as notas referentes á festa sacra.

PARTIDA

Vão regressar a Setubal depois de terem passado alguns dias em companhia de sua familia, os nossos amigos srs. João dos Santos Barbosa e Salvador dos Santos Barbosa, que, com um terceiro irmão, Manuel dos Santos Barbosa, se acham associados, possuindo um importante estabelecimento de padaria e mercearia que faz honra á terra e dignifica os seus arrojados proprietarios.

Os irmãos Barbosas não só adquiriram a confiança do alto comercio como possuem hoje a simpatia do publico setubalense, que com eles mantem as melhores relações, tudo proveniente da actividade desenvolvida e magnifica conta em que são tidos pela honestidade do seu caracter, afabilidade de trato e tantos outros predicados que concorrem para a situação disfrutada.

Feliz viagem e a continuação das suas prosperidades é o que sinceramente lhes desejâmos.

Necrología

Vitimado por uma gráve doença que se lhe havia manifestado dias antes, faleceu no ultimo sabado o aluno da quinta classe do liceu desta cidade Alfredo dos Santos, filho do mestre de corneteiros de infanteria n.º 24, sr. José dos Santos.

O enterro do inditoso academico, que contava apenas 18 anos, realisou-se no dia seguinte ás 17 horas, encorporando-se nele além de grande numero de colegas, o digno reitor do liceu, que conduzia a chave do ataúde, professores e militares, constituindo o cortejo uma sentida homenagem á memoria do infeliz morto. O féretro, coberto com a bandeira da academia envolta em crépes e a cujas extremidades pegaram vários turnos desde a residencia do finado, deu entrada no cemiterio ao caír da tarde, sendo antes de penetrar na capela proferidos dois sentidos discursos junto ao monumento dos martires da Liberdade, em que o professor padre Rodrigues Vieira e o condiscipulo do extinto, Desiderio Frias, puzeram em relevo as excelsas qualidades de Alfreda dos Santos.

O ultimo disse:

Morreu Alfredo dos Santos. E quando a sua lampada fiel—a vida—se ia extinguindo em raios cada vez mais pálidos, sentindo perto a morte com certeza em tristes e plangentes acentos, murmurou esses quatro versos:

La fleur de ma vie est fanée;
Il fut rapide, mon destin!
De mon orageuse journée
Le soir toucha presque au matim.

Morrer é o destino do homem—é certo; mas morrer na eflorescencia da idade, numa quadra em que tudo são rosas, sonhos lindos, lindos futuros arquitectados, ambições justas e dignas que todo o mortal espera vêr realisadas é triste, é penoso, é cruel, é barbaro; é por isso que é mais para lamentar a morte dêsse inditoso rapaz que certamente sonhou, idealisou, pensou, sentiu e sofreu, e quando julgava que atravez desses sofrimentos, que são os males de que enferma a humanidade, um dia triúnfaria glorioso para vêr a realisação dos seus sonhos, ideias e pensamentos, eis que baqueado pela implacavel parca vai resvalar para o pó do tumulo. E assim extingue-se um rapaz, que pelo seu esforço, trabalho, energia e prestimo sería, sem duvida, util e prestavel á familia, á sociedade e á Patria.

Alfredo dos Santos era nosso colêga na 5.ª classe do liceu. Estudioso, aplicativo, ordeiro, pacato e respeitador e por isso mesmo muito estimado dos seus professores, foi tambem um amigo dos seus amigos e um excelente camarada.

Sempre taciturno e por vezes triste e pensativo, Alfredo dos Santos amava a solidão, o retiro e os livros, era pouco expansivo, simpatisando mais com o silencio, do que com o ruido, mas não um missantropo, se bem que pela excentricidade do seu caracter parecia desviar-se do comercio dos homens. Era um destes individuos *que antes querem fugir do que fingir*. E apezar do seu feitio pouco comunicativo, nunca deixou de pôr á disposição dos seus colégas e amigos os seus serviços, os seus prestimos e a sua bôa vontade em ser util em tudo quante êle, o infeliz Alfredo dos Santos, sabia tornar-se apreciado dentro das boas leis de amizade, camaradagem e dever.

Alfredo dos Santos era uma figura que não se salientava no tumulto dos homens. Magro, pálido, nunca ambicionando grandezas e honrarias, vivendo na maior modestia, quasi oculto e desconhecido, era como uma mangerona, que apezar de humilde pela sua natureza, presta tão bons serviços ao mundo, como um roble forte, alto e frondoso.

Tinha a fisionomia de bondade e paz, onde ao mesmo tempo se liam doçura e firmeza, o seu coração era um sacrario do bem, a sua alma não tinha a mancha da hipocrisia, maldade e mentira, e o estigma que marcava a sua vida era a *virtude*.

Cumprindo o dever de traduzir a minha mágua e a de toda a academia, pelo infausto acontecimento que determinou essas poucas palavras, orvalho a sua campa fria e humida com um punhado de goivos e perpetuas e sentidas lagrimas.

Adeus para sempre, Alfredo dos Santos.

Duas corôas: uma do sr. dr. Alvaro de Moura e outra oferta da academia completaram a funebre manifestação, descendo o pranteado morto á cova, ungido pela saudade de quantos o conheceram e apreciaram.

* * *

Em Sarrazola, freguezia de Cacia, tambem faleceu no domingo o sr. João Dias Gomes, sobrinho e cunhado dos activos industriaes, srs. Antonio Maria Ferreira e Manuel Barreiros de Macedo e como eles egualmente industrial.

Pertencia á velha guarda dos republicanos e como livre pensador soube sempre manter-se até ao ultimo alento de vida. Exerceu a sua actividade na Povoa de Santa Iria, onde pelas qualidades de caracter de que era possuidor conquistou gerais simpatias e fundas amisades.

O enterro civil de João Dias Gomes, dedicado amigo do *Democrata*, foi uma grande prova de quanto era estimado pelos seus conterraneos, pois que na sua quasi totalidade acorreram a acompanha-lo á ultima morada, prestando-lhe assim uma subida manifestação de apreço como raras vezes ali se tem visto.

A toda a familia enlutada os nossos sentidos pêsames.

* * *

No funeral do capitão Ruela, que na sexta-feira teve logar, encorporou-se toda a oficialidade da guarnição de Aveiro, além da secção masculina do Asilo Escola, academia e vários amigos do extinto e sua familia.

O féretro foi conduzido da estação numa carreta da Companhia de Salvação Publica Guilherme Gomes Fernandes, que tambem se fez representar, precedido doutra com as corôas e *bouquets* de flôres.

Em todas as ruas do trajecto havia bastante gente a presenciar o funebre cortejo.

* * *

Com a morte de Veiga Beirão esta semana, em Paço de Arcos, extinguiu-se uma das figuras de maior relêvo e prestigio do regimen deposto.

Militou no partido progressista, mas com tanto talento se soube conduzir que ninguem ousa apontar-lhe erros ou defeitos desprimorosos para a sua memoria.

Contava 75 anos de idade, ten-

do sido um primoroso orador e jurisconsulto abalisado.

* * *

Acha-se de luto por subitamente ter falecido em Coimbra sua esposa, o sr. dr. Joaquim Pinto Coelho, distinto clinico em Espinho, a quem acompanhamos no doloroso transe.

O retrato da moda

Chegou a Aveiro e acha-se instalado no Rocio com *atelier* fotografico, o sr. Adélio dos Santos, que executa por preços modicos todos os trabalhos concernentes á arte.

O *Auto-foto-electro-rapido*, nome porque é mais conhecida a instalação, póde ser visitado a qualquer hora com a segura garantia de que ninguem obterá melhores provas em casas de condições eguaes a esta.

CARTA DE Moçambique

Terras assoladas e os prasos da Zambezia

O nosso prezado colêga *Patria*, que na Beira se publica, aponta numa série de artigos, sob os titulos acima, os factos vergonhosos que se tem dado na Zambezia com os indigenas, os quaes enodôam a colonisação portuguêsa e nos forçam tambem a acompanhar o nosso apreciavel colêga, que tem sido um defensor intransigente das causas justas, do bem estar desta provincia e dos seus povos.

A nossa qualidade de jornalista e de filho natural duma das colonias portuguêsas, por nascimento, impõe-nos a obrigação de secundar a campanha patriotica, que encetou o *Patria* em favor dos desprotegidos indigenas da Zambezia, que são castigados a bordoada, á palmatoadas, como se estivéssemos nos tempos da escravatura negra.

Sômos informados pelo indigena civilisado natural da Uberrisena Zambezia que os senhores arrendatarios dos prazos naquela região fazem trabalhar os indigenas de graça sob o imperio da *comida de urso*, e com boca calada.

Este sistema violento e criminoso até hoje ainda não acabou. O preto, na Zambezia, sofre mil desgostos, e é castigado barbaramente pelos senhores feudaes.

Este sistema não póde continuar dentro dum regimen de Igualdade, Justiça e Liberdade.

Os povos da Zambezia precizam já de serem governados por um sistema diferente do anterior em que viviamos, que era cheio de prepotencias e desvarios dos senhores arrendatarios dos prazos da Zambezia.

Nós, republicanos liberaes, supunhamos que tivéssem já acabado os costumes criminosos que havia no tempo da ominosa dentro das nossas colonias.

Estes factos teem irritado todos os bons republicanos. E' de imperiosa necessidade que estes se unam todos para reclamarem aos poderes constituidos, afim de que se faça justiça aos pobres indigenas da Zambezia.

Moeda papel — Temos estado numa perfeita tragedia com a moeda papel de $10.º $20.º $50.º As casas comerciais dos asiaticos não trocam essas moedas sem u-

Dentista

Candido Dias Soares

Cirurgião-dentista pela Escola Medica do Porto, tambem conhecido por "Candido Milheiro„ ou "sobrinho do Milheiro„

Abriu o seu consultorio permanentemente desde o dia 1 de fevereiro do corrente ano na rua dos Mercadores, n.º 8—1.º

AVEIRO

se faça uma despeza equivalente a metade de cada uma. Fóra destas condições dizem sempre não terem troco.

O comerciante asiatico não apresenta dificuldade de trocar moeda de prata ou oiro; quando ele apanha esse dinheiro, nunca mais torna a vêr sol ou lua.

E' de imperiosa necessidade que as autoridades adoptem medidas para combater esta exploração criminosa em terras portuguêsas e evitar que o comercio asiatico crie dificuldades ao povo.

Perseguição—Anda furioso contra nós, sem motivo justificado, o sr. Antonio Mario de Vasconcélos!...

Até hoje ainda não podémos atingir a certeza da furia que nos tem para nos devorar!...

A' ultima hora sômos informados que sua ex.ª não nos póde vêr por o facto de escrevermos em jornaes!...

Esteja socegado, cáro Mario; enquanto tivérmos vida e vista não largaremos a penna de jornalista e não deixaremos de seguir a orientação e as fráses do Rodrigues Sampaio, que dizia: *que a missão do jornalista é de dizer a verdade dôa a quem doer, custe o que custar.* Sua ex.ª ha dias chamou-nos, perguntando-nos se em tempos fizémos uma exposição pedindo repatriação. Respondemos que nunca fizémos tal nem tencionamos faze-lo porque não temos necessidade disso. E então sua ex.ª é que nos disse que seria melhor saír daqui.

A resposta não se fez esperar: sômos portuguêses e defensores das instituições; ninguem nos poderá fazer sair duma terra portuguêsa que nós defendemos com patriotismo e brio!...

A questão das subsistencias—Sômos informados que a autoridade administrativa local segue uma orientação quanto á crise de subsistencias, que bastante concorre para o agravamento de vida da população, originando prejuizos e dificuldades ao comercio, que já receia importar generos devido ao sr. Vasconcelos, administrador do concelho, não ter em consideração as resoluções da Junta de recursos, fazendo o que a seu bel prazer entende sem ter atenção com as condições económicas do povo que luta com falta de dinheiro e de trabalho.

Pedimos a quem competir que nos livrem de um homem tão perigoso. A nosso vêr seria mais conveniente nomear se uma comissão para estabelecer uma tabela de preços de generos, deixando a autoridade administrativa ter nela voto, fazendo parte dela como delegado do governo e fiscal da lei. Com esta medida podemos viver dentro de toda a normalidade, e deixamos de ser vexados como quero, posso e mando em terras de pretos, onde vive gente bôa!...

Pasmai, ó gentes!...—O sr. Esteves Cardoso, escrivão das execuções fiscais, com a ganancia de enriquecer, tem acarretado a ruina de muitos, á sombra duma lei que se não é bôa, tambem não é das que permite tantas tropelias como as que ele está fazendo, no proposito de abrir sepulturas aos proprietarios de Moçambique, para serem nelas enterrados.

As nossas leis não são más nem barbaras, muitas vezes são melhoras do que as dos outros países; simplesmente alguns seus executores, recrutados por meio da empenhoca e educados na mais funesta orientação, é que as fazem pessimas. Mas a culpa não é da lei: provêm unicamente de alguns executores que nunca se importaram de do r em vista estes dois factores: —*o credito da lei e a dignidade do pais.*

Estes factores não pódem desaparecer emquanto não houver uma lei dignificadora que torne o funcionalismo rigorosamente responsavel pelos seus actos.

Caro leitor: está provado que dar muitos poderes a um homem só é asneira e asneira grossa, visto ele raras vezes uzar esse poder para bem.

A situação não póde ser peior. Não ha dinheiro e os encargos de todas as classes estão agravados horrorosamente.

Seria de agradecer que as autoridades competentes volvessem os olhos para este assunto, suspendendo esse indecente cortejo dos processos das execuções fiscais, que só tem concorrido para a mizeria de muitos e para engrossar os reditos de meia duzia de ambiciosos, que pretendem á força enriquecer. Não ha dinheiro, a vida está medonha!... Sempre *excesso de zelos* para os bolsos! Sempre! Estâmos convictos que as nossas palavras causarão engulhos a alguma gente. E' que ha aqui, infelizmente, quem não goste que se diga a verdade.

Nós, porêm, havemos de dize-la sempre e não estâmos disso arrependidos. Crêmos ter cumprido o nosso dever.

Estaremos sempre ao lado da razão e da justiça dôa a quem doer, visto o nosso caracter tambem não permitir outra coisa.

30—9—1916.

C. dos S. B.

VINHOS DO PORTO

Experimentem os da casa

Rodrigues Pinho

—DE—

VILA NOVA DE GAIA

(Porto)

Pois são dos melhores que ha

O fino **Moscatel velho** ou o vinho superior

Regenerante

Dentista Milheiro

(DE ESPINHO)

Vem dar consultas a Aveiro ás terças e sextas-feiras, das oito horas ao meio dia, no seu consultorio á Avenida da Revolução, n.º 2, em frente ao Teatro.

GRANDE PANDEGA...

—=(*)=—

Os meus afazeres não permitiram que me associasse no dia de S. Martinho, na redacção deste jornal, aos que aí foram prestar as devidas homenagens ao nivelado jornalista, ao harmonico critico-musical, ao grande orador de balcão de taberna. Tinha de me levantar de madrugada e assim o fiz muito antes do nascer do sol. Passei pelo *Democrata*, mas já tudo estava terminado. Eu ía rua acima e do lado direito chegavam-me aos ouvidos os *hip hip* de grande animação. Torci caminho e dirigi-me para o sitio donde me parecia vir o som. De momento a momento um barulho ensurdecedor ecoava pela rua do Passeio. Eram os finaes de brindes e interrupções de discursos. Vi uma porta entre aberta e, encostando-lhe o ouvido, entendi, palavra por palavra, um brinde com que se agradecia aos *camaradas* a sua gentilêsa. Depois uma cantiga acompanhada á guitarra:

Sou um S. Paio barbado,
Sou um lindo S. Martinho
Hei-de morrer afogado
Num grande pipo de vinho.

A' qual se ouve responder:

Compadre, toureiro amador,
Sempre foi meu amiguinho
Havia de ser nadador
Se todo o mar fosse vinho...

Percebi que se tratava do *Zé Bébes*, compadre e familia. Fui ao meu caminho e deixei-os.

Davam as ultimas...

Quim & Necas

Despedida

Antonio Maria Duarte não podendo despedir-se pessoalmente de todos os seus amigos e pessoas de suas relações, fá-lo por este meio oferecendo o seu prestimo em Cantanhede.

Aveiro, 14—XI—1916.

Anuncios

Concurso medico

A Comissão executiva da Câmara Municipal do concelho de Vagos faz saber que se acha aberto concurso por espaço de trinta dias a contar da publicação deste anuncio no *Diario do Govêrno* para provimento do partido medico com séde na vila de Vagos, com o ordenado de 350$00 e pulso sujeito á tabela camararia.

Os concorrentes deverão apresentar os seus requerimentos na secretaría da Câmara, instruídos com os documentos legais dentro do referido praso.

Vagos, 1 de Novembro de 1916.

O Presidente da Comissão executiva

Francisco dos Santos Victor

Concurso

O administrador do concelho de Ilhavo, fáz público que se acha aberto concurso por espaço de trinta dias contados da publicação deste no *Diario do Govêrno*, para o provimento do lugar de amanuense da Administração do mesmo concelho, com o vencimento anual de 240$00 escudos e a lotação de 25$00 escudos anuaes.

Os concorrentes deverão apresentar os seus requerimentos na Secretaría da Administração do concelho dentro daquele praso instruídos nos termos da lei.

Administração do concelho de Ilhavo, 31 de Outubro de 1916.

O Administrador

José Candido Celestino Pereira Gomes

Mobilia

VENDE-SE uma de sala, em mogno e uma cama antiga de páu preto.

Nesta redacção se diz.

Juizo de Direito da Comarca de Aveiro

Arrematação

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Em virtude da execução hipotecaria requerida neste Juizo pelo exequente Joaquim Sisnando Maia, tambem conhecido por Sisnando Maia, casado, empregado público, de Aveiro, mas actualmente rezidente na Guarda, contra o executado João Marques da Graça Valente, solteiro, maior, lavrador, morador em Azurva, freguezia de Esgueira, se hade proceder no dia 19 de Novembro corrente, pelas onze horas, no Tribunal Judicial desta comarca, á arrematação em hasta publica, afim de serem entregues a quem maior lanço oferecer acima da sua avaliação, dos seguintes predios, pertencentes e penhorados ao executado:

Um predio que se compõe de um assento de casas terreas com seu aido e mais pertenças, sito no logar de Azurva, freguezia de Esgueira, avaliado na quantia de 330$00;

Um predio que se compõe de uma terra lavradia e vinha, sito no Chão do Alecrim, limite de Azurva, freguezia de Esgueira, avaliado na quantia de 60$00;

Um predio que se compõe de uma terra lavradia, sito no Chão do Moinho, limite de Azurva, freguezia de Esgueira, avaliado na quantia de 100$00.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos, querendo.

Aveiro, 1 de Novembro de 1916.

Verifiquei:

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão do 5.º oficio

Julio Homem de Carvalho Cristo.

Aos fotografos

Acaba de receber da procedencia os papeis e chapas abaixo mencionadas, pelos seguintes preços:

Chapas imperiaes

13 × 18 cada duzia. . . . 1$70
9 × 12 » » . . . $84
6 1/2 × 9 » » . . . $55

Papeis imperiaes

9 × 12 e 13 × 18 cada pasta $27
18 × 24 cada pasta. . . $28

Papeis kodak (brometo)

13 × 18 . . . . $70
18 × 24 . . . . 1$08
24 × 30 . . . . 1$80

Além dêstes artigos ha grande variedade de produtos quimicos, reveladores, viragens-fixagens, cuvetes, prensas e outros artigos concernentes á fotografia, tudo á venda no estabelecimento de

Baptista Moreira

R. Direita, 72-A — AVEIRO

Lancha

Vende-se uma, a gazolína, de 20 H. P. com lotação para 40 pessoas. Anda 10 a 12 milhas.

Para tratar nesta cidade com Manuel Ribeiro da Silva, rua do Carmo, 17.

Santuario

VENDE-SE um santuario, estilo manuelino, verdadeira obra de arte, que se acha exposto no Museu Regional de Aveiro, onde póde ser visto.

Trata-se com Sisnando Maia—GUARDA.

ANEL

Perdeu-se, de aço, forrado a ouro, com um brazão gravado.

Estrada da Barra, 5.

Agua da fonte de Sula

(BUSSACO)

Em garrafões de 5 litros. $15

Água da Curía

Em garrafões de 5 litros. $35

DEPOSITARIO

Bernardo Torres

AVEIRO

EXAMES DE ADMISSÃO

Lecionações por Maria de Melo e Costa, Norbinda de Melo e Costa e José Teixeira da Costa.

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias) 1$20
Semestre. $60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte. . . . . 2$50
Avulso. $02

Anuncios

Por linha. . . . . 4 centavos
Comunicados . . . 2 »
Anuncios permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

OFICINA DE CALÇADO E DEPOSITO DE CABEDAES

DE

José Migueis Picado Junior

Nêste estabelecimento encontrarão sempre os seus colégas um colossal sortido de sóla e cabedaes de todas as qualidades, que vende por preços excessivamente módicos em virtude das condições vantajosas porque obtem aquêles artigos.

Executa-se toda a qualidade de calçado com a maior prontidão e aperfeiçoamento.

RUA DA ALFANDEGA
AVEIRO